

Patrimônio da paisagem cultural Teresinense: Praça Monumento da Costa e Silva

Heritage of the Teresina cultural Landscape: Monumento da Costa e Silva Square

DOI:10.34117/bjdv7n2-535

Recebimento dos originais: 10/01/2021

Aceitação para publicação: 24/02/2021

Denise Rodrigues Santiago

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFPI)

Instituição de atuação atual: Instituto de Pós Graduação (IPOG). Pós-Graduada em Design de Interiores

Endereço: Av. São Luís Rei de França. Bairro Turu, São Luís, Maranhão

E-mail: arq.denise15@gmail.com

Camila Soares Figueiredo

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFPI)

Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Arquitetura e Urbanismo e Design

Endereço: Av. da Universidade, Campus do Benfica, Fortaleza, Ceará

E-mail: figueiredocamila97@gmail.com

Karenina Cardoso Matos

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFSC)

Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Piauí, professora do Departamento de Construção Civil e Arquitetura da (UFPI)

Endereço: Campus Ministro Petrônio Portela. Bairro Ininga, Teresina, Piauí

E-mail: karenina@ufpi.edu.br

Wilza Gomes Reis Lopes

Doutora em Engenharia Agrícola (UNICAMP)

Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Piauí, professora titular do Departamento de Construção Civil e Arquitetura e do Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPI)

Endereço completo: Campus Ministro Petrônio Portela. Bairro Ininga, Teresina, Piauí

E-mail: wilza@ufpi.edu.br

Nicia Bezerra Formiga Leite

Doutora em Geografia (UFMG)

Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Piauí, professora do Departamento de Construção Civil e Arquitetura

Endereço: Campus Ministro Petrônio Portela. Bairro Ininga, Teresina, Piauí

E-mail: nicialeite@ufpi.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as principais transformações da paisagem na Praça Monumento Da Costa e Silva e seu entorno, localizada na cidade de Teresina, Piauí. A praça foi projetada pelo paisagista Roberto Burle Marx e participação do arquiteto Acácio Gil Borsoi, com o objetivo de homenagear o renomado poeta Antônio Francisco da Costa e Silva, autor da letra do hino do Piauí. Em Teresina, é possível encontrar três projetos de Burle Marx: os jardins do Palácio do Karnak (1972), a Praça Da Costa e Silva (1976) e os jardins do Rio Poti Hotel (1986). Foram realizadas pesquisas bibliográficas, visitas “in loco”, entrevistas, fotografias e croquis. Diante de sua notória importância para o patrimônio e paisagem cultural em Teresina, observou-se que o espaço, antes popular e assiduamente frequentado pelos teresinenses, deixou de ser um ambiente de lazer e integração social. Essa realidade é reflexo da insegurança sentida no local, do entorno comercial, da desvalorização do rio Parnaíba, que tem influência direta sobre a praça, da falta de conhecimento e, conseqüentemente, da desvalorização das obras de Burle Marx, além do descaso da importância desse patrimônio pelo órgão municipal.

Palavras-Chave: Burle Marx, Paisagem Cultural, Preservação.

ABSTRACT

This paper aims to identify and analyze the main landscape transformations in the Praça Monumento Da Costa e Silva and its surroundings, located in the city of Teresina, Piauí. The square was designed by the landscape architect Roberto Burle Marx with the participation of the architect Acácio Gil Borsoi, with the purpose of paying homage to the renowned poet Antônio Francisco da Costa e Silva, author of the lyrics of Piauí's hymn. In Teresina, three projects by Burle Marx can be found: the gardens of the Karnak Palace (1972), the Praça Da Costa e Silva (1976), and the gardens of the Rio Poti Hotel (1986). We carried out bibliographical research, "in loco" visits, interviews, photographs, and sketches. In view of its notorious importance for Teresina's heritage and cultural landscape, it was observed that the space, once popular and assiduously frequented by the inhabitants of Teresina, is no longer an environment of leisure and social integration. This reality reflects the insecurity felt in the place, the commercial surroundings, the devaluation of the Parnaíba River, which has a direct influence on the square, the lack of knowledge and, consequently, the devaluation of Burle Marx's works, and the disregard of the importance of this heritage by the municipal agency.

Keywords: Burle Marx, Cultural Landscape, Preservation.

1 INTRODUÇÃO

Determinantes na construção da identidade cultural das cidades, os espaços livres têm sua importância pelos benefícios ambientais que proporcionam ao meio urbano, bem como por tornar-se um ponto de lazer para a população. Estes espaços contribuem de maneira positiva para a vitalidade do ambiente urbano ao proporcionar a realização de práticas sociais e de lazer, possibilitando, dessa maneira, as manifestações da vida comunitária e, principalmente, da vida urbana.

Os espaços livres atuam sobre o bem-estar do homem, não apenas quanto à

socialização com o meio urbano, mas também por tornar agradável o uso da cidade ao influenciar o microclima, proporcionando temperaturas amenas, e ao incrementar a biodiversidade local, a partir das espécies que contempla.

Dessa forma, os espaços livres atuam de maneira determinante para a qualidade das áreas urbanas, tanto no aspecto social, quanto do ponto de vista ambiental, apesar de serem prejudicados pela falta de conservação e de incentivo ao uso por parte dos órgãos públicos. São locais de atração para a população, que marcam a paisagem urbana e que se tornam pontos referenciais para os habitantes, contribuindo para a construção da identidade cultural das cidades (BARTALINI, 1995). Segundo Gehl (2013), os espaços livres devem ser prioridade em cidades que valorizam as relações sociais ao estimularem o convívio entre as pessoas, a partir deles.

O estudo se desenvolveu na Praça Monumento Da Costa e Silva, mais conhecida como “Praça da CEPISA”, devido à proximidade com esta instituição. A Companhia Energética do Piauí S.A (CEPISA), era a estatal responsável pela distribuição de energia no Piauí, agora sob a responsabilidade da Eletrobrás Energia. A Praça fica localizada no Bairro Centro, na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, circundada pelas ruas João Cabral e Santa Luzia, e avenidas José dos Santos e Silva e Maranhão, situada às margens do rio Parnaíba (Figura 1).

Figura 1: Localização da Praça Da Costa e Silva



Fonte: Google Maps, adaptado pelos autores, 2018.

Procurou-se mostrar como era o projeto inicial e as mudanças que sofreu com o decorrer dos anos, com ênfase na considerável redução do fluxo de pessoas e na segregação sofrida em relação à paisagem do entorno em função da inserção de alguns elementos construídos, gerando barreiras visuais para o rio Parnaíba. Essas barreiras são

a Ponte José Sarney (1990), e o gradil que circunda toda a praça (1993), elemento que não havia no projeto original, o que deixava a circulação mais fluida e permitia o cruzamento pela passarela do espelho d'água.

A Praça Monumento Da Costa e Silva foi projetada, no ano de 1976, em pleno “milagre econômico” brasileiro como um importante espaço livre, quando o Governo do Piauí queria incentivar o desenvolvimento do Estado. Dessa forma, o governador da época, Dirceu Arcoverde (1974-1978), em parceria com o prefeito Wall Ferraz, voltaram a atenção para espaços públicos de lazer, muitas áreas verdes e preocupação com a população mais pobre (LOPES et al., 2013).

Assim, em 1976, Dirceu Arcoverde convidou para desenvolver o projeto da praça o paisagista Roberto Burle Marx e o arquiteto Acácio Gil com o objetivo de homenagear um dos mais conhecidos poetas do Piauí, Antônio Francisco da Costa e Silva, autor da letra do hino do estado, o que faz dela peça importante no cenário moderno teresinense. Burle Marx teve reconhecimento mundial pelos seus projetos de paisagismo, sendo esta praça o único espaço público de Teresina projetado por ele (LOPES et al., 2013).

Diante da notória importância que a Praça Monumento Da Costa e Silva tem para o patrimônio e paisagem cultural no Piauí, este trabalho tem como objetivo identificar e analisar as principais transformações ocorridas na praça e na paisagem de seu entorno.

Para isso, foram realizadas análises fundamentadas em pesquisas documentais, por meio de consultas em arquivos locais e particulares, visitas “in loco”, bem como informações coletadas por meio de análises de fotografias, mapas, croquis e entrevistas com a população, usuários e agentes públicos.

2 BURLE MARX E O PROJETO DA PRAÇA MONUMENTO DA COSTA E SILVA

Renomado paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx destacou-se, também, no cenário internacional, sendo o maior exemplo de paisagista engajado na preservação e na valorização da diversidade natural brasileira, em função da relação de muita intimidade que sempre estabeleceu com a flora local (DOURADO, 2009).

Em todos os seus projetos situadas na capital piauiense, inclusive o da Praça Monumento Da Costa e Silva, é notável a sensível preocupação que teve em estabelecer uma relação equilibrada com a paisagem, para que a praça e o entorno se associem de maneira harmônica, dando ênfase no protagonismo que o rio Parnaíba adquire na paisagem da cidade.

Burle Marx enveredou por várias áreas do conhecimento durante sua formação, e

a paisagem cultural das cidades sempre fez parte dos seus projetos desenvolvidos na região nordeste do Brasil. A partir dessa relação, que se dava por meio do uso de vegetação local e da forma equilibrada com que concebia o paisagismo, conseguia estabelecer um sentimento de identidade nos usuários, e dessa maneira atribuía ao jardim uma função memorial (SÁ CARNEIRO, 2009).

3 TERESINA, O CENTRO E O “VELHO MONGE”

A cidade de Teresina é considerada a “mesopotâmia piauiense” por se situar entre dois rios, o Parnaíba e o Poti (MATOS et al., 2007). Estes rios favoreceram a estruturação de Teresina e foram fatores indispensáveis nos aspectos histórico, social, econômico e cultural. Nas margens do Parnaíba está situada a área pessoalmente escolhida por José Antônio Saraiva, presidente da Província no ano de 1852, para sediar a Vila Nova do Poti, destinada a ser a futura capital do Piauí (CHAVES, 1987). Além disso, o rio Parnaíba também representa o limite físico entre os estados do Piauí e do Maranhão.

O primeiro plano para a nova capital, desenvolvido por Saraiva, correspondia à área atual do centro histórico de Teresina, uma área oportunamente plana, com poucos riscos de inundação. Foi a partir deste primeiro traçado da cidade que foram definidos onde ficariam situados os principais pilares para o desenvolvimento da capital: as funções religiosa, administrativa e política. Também, no plano, constavam os locais para a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora do Amparo e da Praça Marechal Deodoro da Fonseca (Praça da Bandeira). Atualmente, no entorno desta praça está localizada a Prefeitura Municipal de Teresina, Museu do Piauí, Ministério da Fazenda e o setor comercial apresenta-se como o de maior força nas proximidades do rio Parnaíba. Às margens do rio Parnaíba também foi construída a Avenida Maranhão, símbolo de modernidade na época em que o projeto da praça foi idealizado.

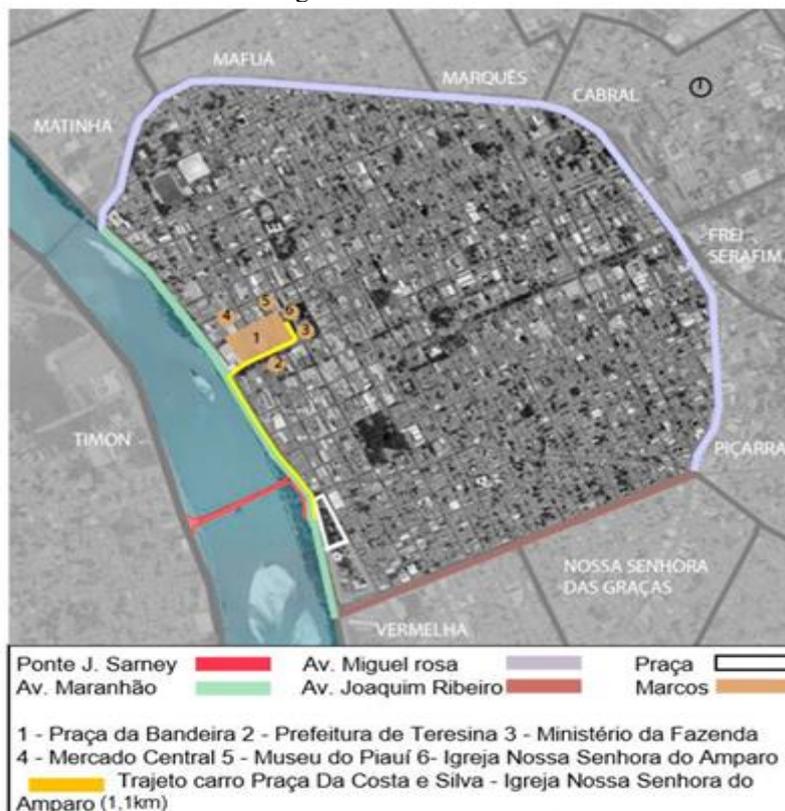
O processo de expansão de Teresina se deu pelo crescimento que ocorreu no sentido oeste-leste, distanciando-se do rio Parnaíba e aproximando-se do rio Poti, bem como no sentido norte e sul, principalmente depois da década de 1940. Quanto à expansão para o norte, havia obstáculos naturais, como o encontro dos rios, que condicionaram esse processo. Já no sentido sul existia um maior potencial em virtude dos espaços vazios, sendo relevante destacar as grandes obras que visavam à valorização do rio Parnaíba, como os projetos da Avenida Maranhão, da Companhia Energética do Piauí S.A. (CEPISA), atual Eletrobrás, e da Praça Da Costa e Silva.

O rio Parnaíba foi apelidado por Da Costa e Silva de “Velho Monge”, pois em algum ponto de seu curso pela cidade de Amarante, de onde o poeta era natural, ele via se desenhar o perfil de um monge. Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em 1885 na cidade de Amarante-PI. Era conhecido também como Da Costa e Silva ou poeta da Saudade e buscava em suas obras ressaltar o rio Parnaíba (LOPES et al., 2014).

Em Teresina, a paisagem do rio leva a marcos naturais e simbólicos, bem como a marcos edificadas, como por exemplo: o cais do Parnaíba, a ponte João Luís Ferreira (ponte metálica), a ponte José Sarney (ponte da Amizade), a praça Marechal Deodoro (Praça da Bandeira), o Troca-troca, o Centro Administrativo do Estado e a CEPISA.

Todos estes marcos revelam que a relação da cidade com o rio Parnaíba se materializa, de maneira mais forte, no bairro Centro, sendo ele o escolhido para receber o projeto. A praça se localiza em sua porção sul, estando situada na ZR4-01, a partir do mapa de zoneamento urbano da cidade. Segundo dados atuais de Teresina (TERESINA, 2016), o bairro Centro compreende a área contida no seguinte perímetro: partindo do eixo do rio Parnaíba sob a Ponte João Luís Ferreira, segue pela ponte e pela Av. Miguel Rosa até o encontro com a Av. Joaquim Ribeiro; daí, em direção oeste, prossegue até o eixo do rio Parnaíba e, por este, retorna ao ponto de partida (Figura 2).

Figura 2: Bairro Centro



Fonte: Google Maps, adaptado pelos autores, 2018.

A configuração espacial do bairro Centro, acima descrita, demonstra a importância do rio Parnaíba para o bairro no qual a praça se insere, além da já conhecida importância para a cidade de Teresina, o que revela a coesão do projeto ao relacioná-lo com o rio.

O bairro Centro é dotado de infraestrutura, como abastecimento de água que abrange 99% dos domicílios, além da presença da rede de esgoto e da coleta de lixo (TERESINA, 2016). A boa infraestrutura também se deve aos serviços de saúde e educação, cultura e lazer. Apesar destes bons índices, em 2010 a população residente no bairro Centro representava 1,6% da de Teresina, sendo que na última década o número foi reduzido em 20,3% (TERESINA, 2016).

A atividade econômica que predomina no local é o comércio, que aliado aos números de crescimento populacional, revelam que o caráter, outrora residencial, do bairro foi dando lugar ao uso comercial, principalmente em função da especulação imobiliária, que gerou grande valorização do metro quadrado no Centro, e fez com que muitos moradores do bairro se dirigirem para as zonas em expansão da cidade.

Esta mudança de uso que ocorre em áreas centrais das cidades é fato comum em muitos outros locais. Neste sentido, Rocha et al. (2020, p. 60091) afirmaram que com a urbanização de Vitória da Conquista, “o centro da cidade que, por muitos anos era essencialmente residencial passa a conhecer novas formas de ocupação e uso, o comércio e setor de serviço passa a ser predominante”.

4 PRAÇA DA COSTA E SILVA: IDEALIZAÇÃO E EXECUÇÃO

Segundo Jane Jacobs (2000), quando o objetivo de uma praça é ser muito utilizada, ela deve incluir no projeto quatro elementos fundamentais: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial. Dentre eles, se destacam a complexidade e a centralidade, uma vez que, complexidade se refere às múltiplas possibilidades de utilização que ela proporciona ao usuário, estando diretamente relacionada ao poder de atração deste espaço livre. Enquanto a centralidade, por sua vez, está relacionada a algum ponto focal dentro da praça, que atrai e para onde convergem os fluxos, sendo marcante na memória do usuário. No entanto, existem aquelas que não objetivam se tornar um espaço de intenso movimento, devido às atividades nela desenvolvidas, mas que buscam atrair a população, em função de um propósito mais contemplativo, como por exemplo, uma praça monumento.

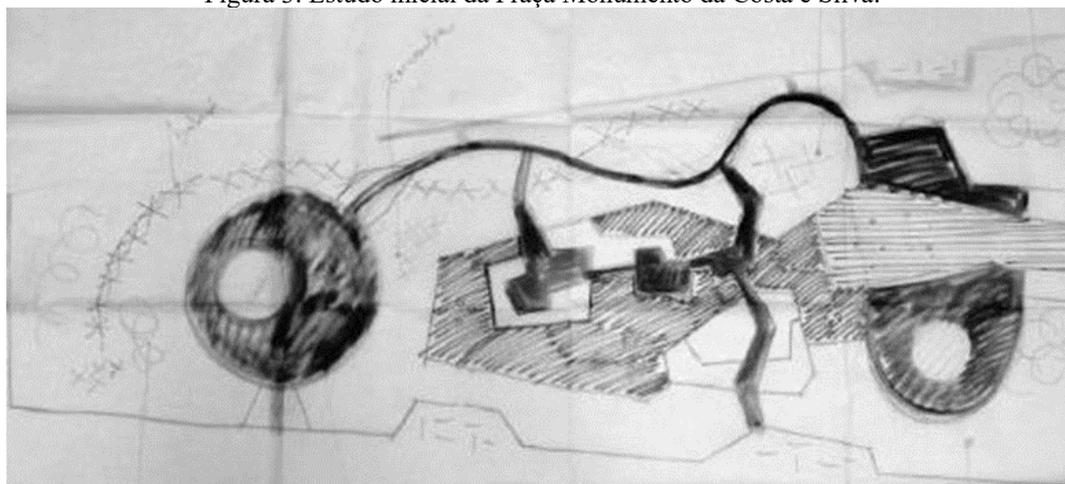
Sabendo que uma praça monumento tem um caráter mais simbólico do que funcional, a Praça Da Costa e Silva tinha como objetivo edificar um monumento e

homenagear o poeta que sempre ressaltava o rio Parnaíba em suas obras, por isso a escolha de sua localização às margens desse curso d'água, como afirma LOPES et al. (2013, p. 7):

Assim, nascia não apenas mais uma praça, mas uma Praça - Monumento como convinha o momento, não uma simples área de lazer, mas uma grandiosa referência cultural da cidade, uma homenagem às águas, representada pelas fontes, pelos espelhos d'água, pela cascata, pelas plantas aquáticas e, sobretudo pelo testemunho das placas de aço escovado, que espelhavam a beleza, a leveza e a ternura dos poemas do poeta maior das águas do Parnaíba, o poeta Da Costa e Silva.

Burle Marx, ao fazer o estudo inicial da praça no terreno escolhido, procurou diferenciar, de imediato, o piso da vegetação, evidenciando também no lado esquerdo o grande círculo que seria o coreto tradicional, mas com características modernas e bancos em sua volta, bem como o espelho d'água, localizado no centro da praça (Figura 3).

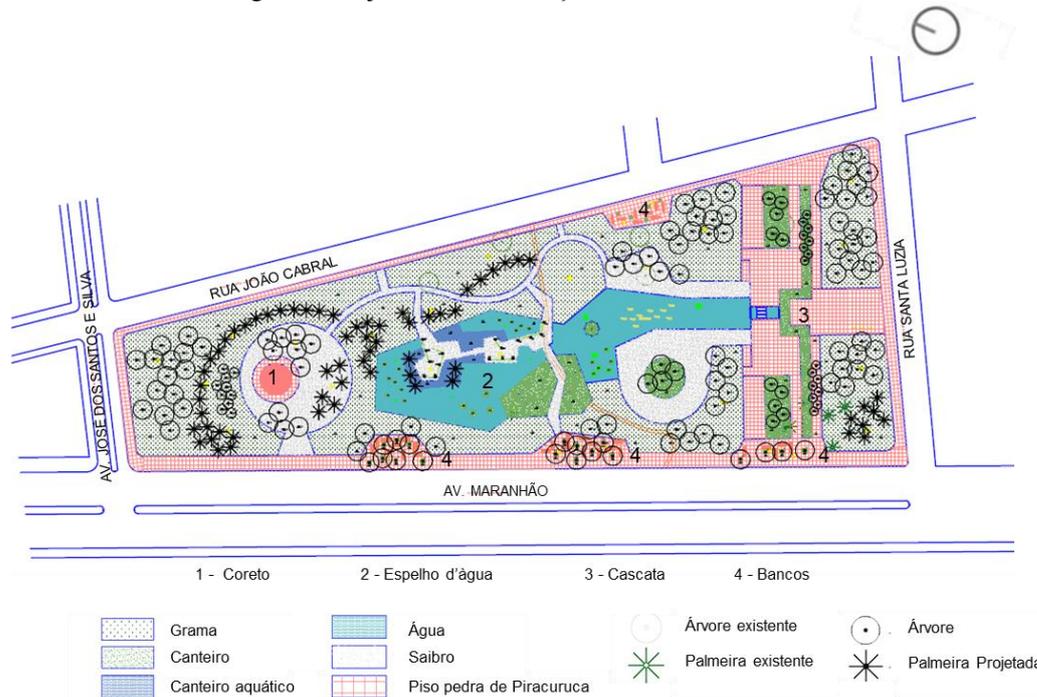
Figura 3: Estudo inicial da Praça Monumento da Costa e Silva.



Fonte: Escritório Burle Marx & Cia. Ltda, 1975 apud Lopes et al., 2013.

No projeto original, a praça era totalmente aberta, sem qualquer barreira que pudesse deixá-la isolada do entorno, como o gradil que hoje existe circundando todo o terreno. Contava com grandes áreas de saibros ou terra batida, revestidas com vegetação de pequeno porte como a grama, bem como cobertas por pedras. Tais superfícies eram destinadas para circulação de pessoas, brincadeiras infantis, passeios de bicicleta, entre outros. Com a intenção de enaltecer a visão da paisagem do “Velho Monge”, os bancos foram dispostos em quatro locais distintos, sendo três destes localizados na calçada voltado para o rio Parnaíba (Figura 4).

Figura 4: Projeto inicial da Praça Monumento da Costa e Silva.



Fonte: LOPES et al. (2013), adaptado pelos autores, 2018.

Em relação à vegetação, observa-se diversidade de tipos vegetais, muitas vezes organizados em grupos de mesma espécie, criando ambientes harmônicos e valorizando cada tipo. Foram sugeridas 34 espécies diferentes, dessas, 11 são árvores, 9 são espécies aquáticas, 5 são arbustos, 3 espécies de trepadeiras, 2 tipos de herbácea para forração e um tipo de gramínea. Ademais, foram previstos 3 tipos de palmeiras organizadas em fileira, em grupos ou até mesmo em canteiros na água. Para elas, foram sugeridas as espécies: *Mauritia flexuosa*, L (Buriti), *Copernicia cerifera* Mart (Carnaúba) e *Orbignya martiana* Barb. Rodr (Babaçu), de acordo com os nomes científicos da época (LOPES et al., 2013).

A carnaúba tem relevância no projeto devido à sua presença no terreno antes da construção da praça (LOPES et al.2013). Outras foram acrescentadas e dispostas em fileira, envolvendo parte do espelho d'água e do coreto, com função de barrar a visão para o lado, onde havia residências e comércios. A mesma espécie também foi disposta com intuito de adensamento no lado direito da praça, juntamente com as árvores. Dessa maneira, é perceptível a preocupação de Burle Marx em evitar a atenção principal para os lados norte, leste e sul e deixando totalmente livre a vista para o oeste, a fim de haver a contemplação da paisagem do rio Parnaíba.

Um dos elementos marcantes no espaço analisado é o espelho d'água com traçado reto e irregular. Sua beleza no projeto idealizado era complementada por vários jatos de

água e canteiros com espécies aquáticas. Nele também havia estruturas de ferro para apoiar plantas do tipo trepadeiras, bem como passeios para se caminhar sobre ele.

Outro importante elemento é a cascata, por onde percorria a água que mantinha o espelho d'água. O monumento foi projetado pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, formado por uma marquise de concreto aparente em balanço localizado no lado direito da praça. Para homenagear Antônio Francisco da Costa e Silva, abaixo da marquise, no piso, se encontrava a placa de concreto com a síntese de sua biografia, além de trechos de suas poesias em painéis de acrílico nas paredes. Já no lado esquerdo da praça, tem-se o coreto, exemplo de uma visão moderna tradicional com forma circular e com bancos envoltos. Toda a riqueza vegetal, pensada por Burle Marx, proporcionava agradável microclima ao local, assim como a beleza da cascata trazia conforto visual para os usuários.

O paisagista Burle Marx procurava em seus projetos se basear em três princípios: a relação com o entorno, a ordenação dos caminhos e a existência de pontos focais (SILVA, 2005 apud LOPES et al., 2013). Tais princípios estavam presentes no projeto da Praça Da Costa e Silva, como por exemplo, na implantação da cascata, em que a água desce sobre o monumento e cresce no horizonte, fazendo alusão ao rio Parnaíba. Analisando os caminhos, pode-se perceber que são mais largos quando estão próximos ao coreto e ao lago artificial, estes considerados pontos focais e localizados em lugares opostos, destacando a hierarquia existente na praça. Dessa maneira, tal traçado proporciona a convergência dos usuários para diversos pontos da praça, evitando assim a concentração (LOPES et al., 2013).

Antes da construção da praça, no terreno havia uma grande lagoa, algumas residências mais simples, ainda com cobertura de palha, além de muito mato e capim. Assim, foi necessário desapropriar aqueles que ali moravam, e aterrar o local para começar as obras. Os materiais empregados para o aterro foi o concreto, aço e pedra de Piracuruca, como se pode perceber em notícias no Jornal O Dia (1977, p. 3):

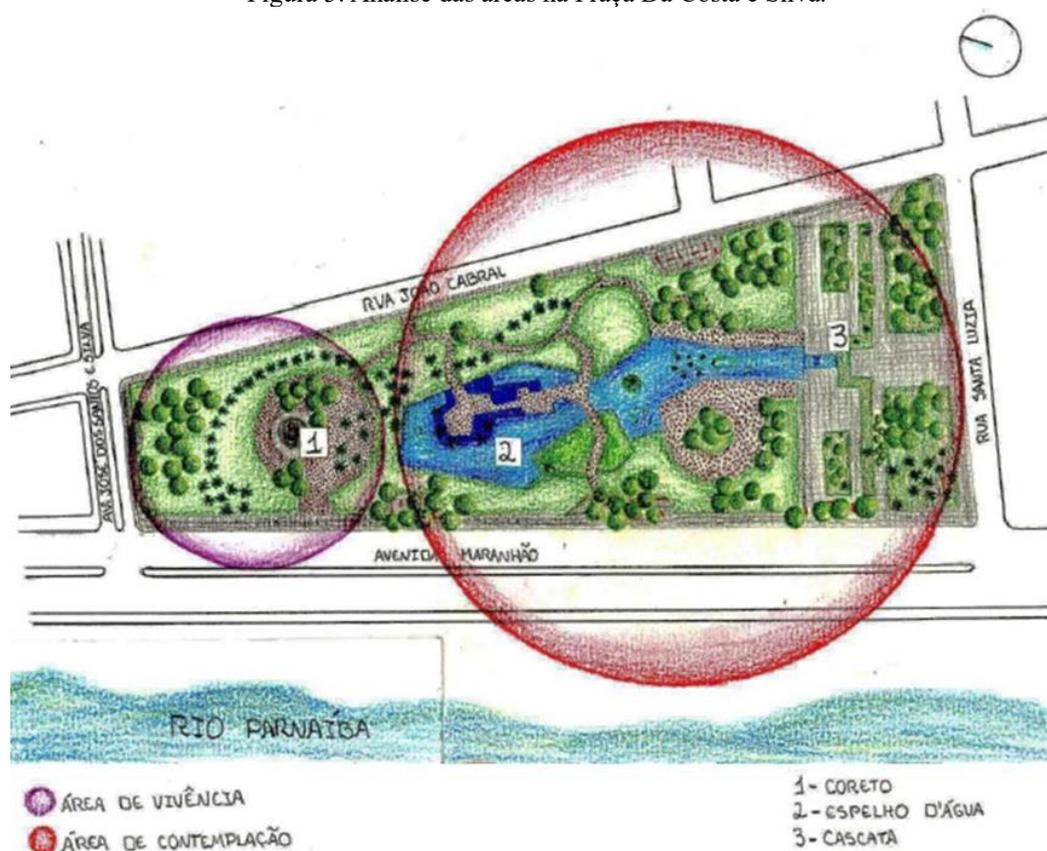
A Praça Monumento Da Costa e Silva foi construída em uma área de 20 mil metros quadrados e obrigou, durante a sua construção, um movimento de terra em torno de 22.000 metros cúbicos, tendo sido empregados 800 m³ de concreto, 70 toneladas de aço, cinco mil metros quadrados de pedra de Piracuruca, abrigando em seu espaço um grande lago de 2.000 m² (JORNAL O DIA, 1977, p. 3).

Nesse período, o seu entorno era composto, predominantemente, por residências, com exceção do Edifício da Companhia Energética do Piauí (CEPISA), ao sul, e o rio Parnaíba, elemento bastante presente na paisagem, ao oeste (LOPES et al., 2013). Dessa

forma, segundo o relato de antigos moradores, “a criação do espaço público na área veio melhorar essa parte da cidade, sendo motivo de júbilo e de aceitação por parte da população do entorno” (LOPES et al., 2014, p. 72). Além disso, a criação deste espaço público, nesse ambiente, foi de grande interesse, por proporcionar área de lazer para a sociedade, com a paisagem contemplativa do rio Parnaíba.

O terreno, com 20.000 m², possui o formato de trapézio, com maiores cota e largura no lado sul, conferindo melhor aproveitamento da topografia para a implantação da cascata existente, proporcionando um espaço mais contemplativo. Já ao norte, o espaço apresenta lateral mais plana e estreita, com o propósito de atrair mais pessoas e possibilitar a convivência através do coreto, da cobertura vegetal e do traçado concêntrico, além de promover uma vista privilegiada para o lado oposto (Figura 5).

Figura 5: Análise das áreas na Praça Da Costa e Silva.



Fonte: Croqui feito pelos autores, 2018.

Em 5 de setembro de 1977 foi realizada a inauguração da praça que, a partir de então, foi muito utilizada por diferentes pessoas, quanto à faixa etária e classe, que se divertiam com as atividades que aconteciam por conta do poder público da época (JORNAL O DIA, 1977).

Na foto de 1978 é perceptível visualizar, em primeiro plano, a organização das

palmeiras e, logo atrás, as fontes funcionando, além da população passeando, na praça, confirmando o grande uso do local (Figura 6).

Figura 6: Vista geral da praça após a inauguração.



Fonte: Fundação Monsenhor Chaves apud Lopes et al., 2013.

Assim sendo, é explícito o objetivo do projeto da praça, no que diz respeito à integração entre ela e o rio. Infelizmente, hoje em dia, “já não existe integração, nem mesmo a valorização visual do rio Parnaíba, pois o gradil existente no local e a Ponte José Sarney, construída em 2002, podem ser considerados barreiras visuais” (LOPES et al., 2013).

5 CENÁRIO ATUAL DA PRAÇA MONUMENTO DA COSTA E SILVA

Atualmente, o rio Parnaíba, elemento tantas vezes homenageado por Da Costa e Silva, não se encontra plenamente integrado à Praça Monumento, como acontecia na proposta inicial deste projeto. Além da ponte José Sarney, que atua como uma barreira visual entre eles, há também um gradil que circunda toda a praça (Figura 7). Este elemento, além de impedir uma conexão visual direta entre a praça e o rio, acaba sendo um meio de inibir a entrada dos usuários. Primeiro, pela existência de apenas quatro acessos, um número pequeno em relação aos vinte mil metros quadrados, e também porque, ao invés de se sentirem mais seguros pela existência da barreira física, sentem que o espaço está restrito aos marginais, que se apropriam do lugar. Durante a noite, período em que a região se torna mais perigosa, o gradil não é fechado, reforçando que o objetivo inicial de proporcionar segurança a partir dessa barreira física é falho.

Figura 7: Gradil que circunda a praça e ao fundo a ponte José Sarney.



Fonte: Fotos dos autores, 2018.

Segundo a população mais antiga que ainda reside ali, a sensação de insegurança que a praça transmite tem como principal motivo a ausência de pessoas que utilizem os equipamentos urbanos naquela região central da cidade. Essa ausência se dá pelo tipo de comércio que existe no local, que se restringe, basicamente, às lojas de atacado, pelo não uso do local por parte dos moradores das redondezas e de outras áreas da cidade como acontecia anteriormente, uma vez que se sentem acuados pela forte presença de criminosos. Além disso, o fato de as atividades do entorno não serem convidativas faz com que o espaço fique muito deserto, principalmente aos fins de semana, período em que um espaço público deveria ser muito utilizado (Figura 8).

Neste sentido, Lopes et al. (2013, p. 18), afirmaram que:

A comunidade deixou de usar a Praça Monumento Da Costa e Silva em determinados horários, com a marginalização do espaço, consequência das modificações socioeconômicas que, ao longo de trinta anos, ocorreram no entorno, e, porque com o desenvolvimento da cidade surgiram outras opções de lazer, como os shoppings center

Figura 8: Mapa de usos quadras do entorno.

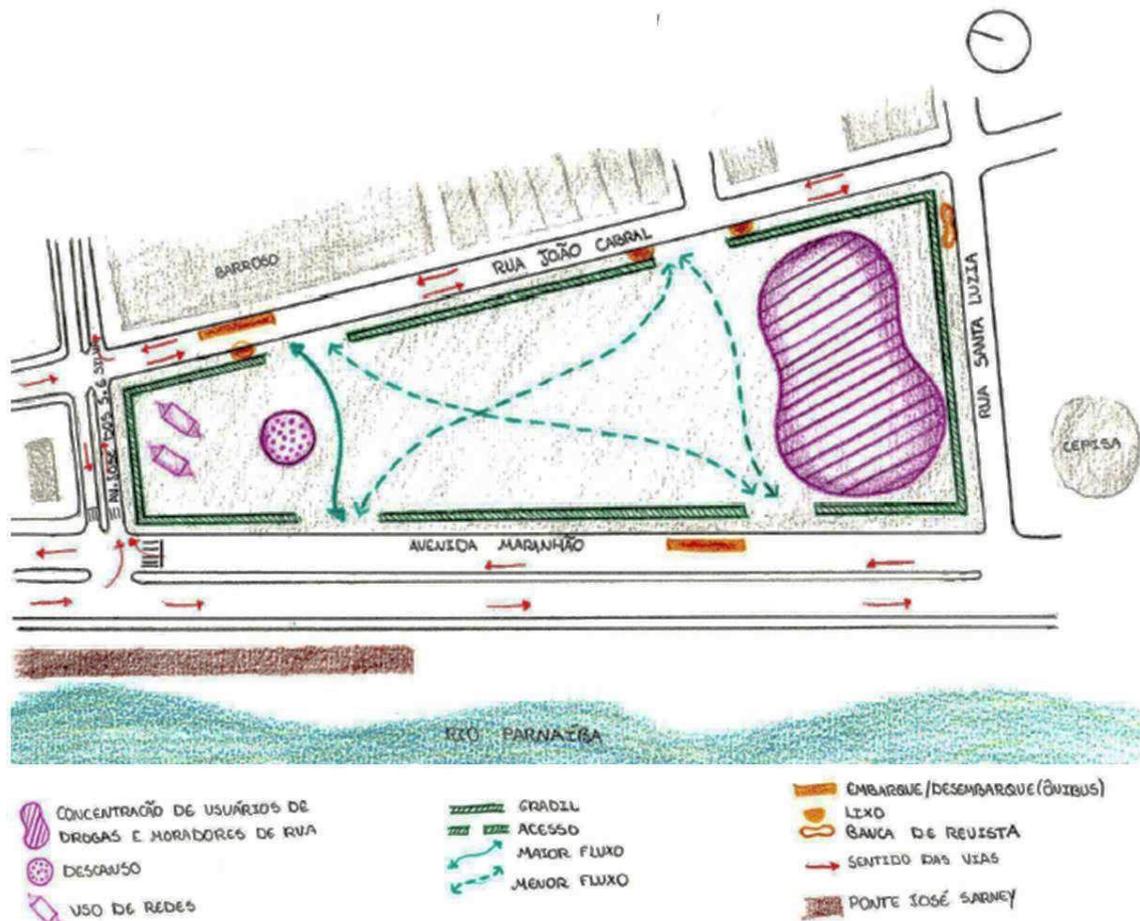


Fonte: Google mapas, adaptado pelos autores, 2018.

Os indivíduos que ainda usufruem, com certa frequência, do local são os moradores de rua e usuários de drogas, ocupando, principalmente, o lado direito da praça, no qual se localiza a cascata, uma vez que nela encontram uma forma de abrigo. Além destes, há também os funcionários das empresas localizadas no entorno da praça e que utilizam o espaço para o descanso no horário de almoço. Dentre eles estão os trabalhadores da Eletrobrás, que se apropriam do lado esquerdo, onde usufruem da vegetação para o uso de redes e do coreto, em função da sombra e dos bancos (Figura 9).

Há uma estreita relação entre os usuários da praça e os fluxos que nela se desenvolvem. A área utilizada pelos funcionários da Eletrobrás para descanso emite uma maior segurança para as pessoas e, conseqüentemente, apresenta maior fluxo de transeuntes. Por outro lado, a presença de moradores de rua e usuários de drogas no lado oposto, transmite uma sensação de insegurança, tornando menos frequentes os fluxos nessa área, bem como daqueles que percorrem a praça no sentido de seu comprimento (Figura 9).

Figura 9: Mapa conceitual dos usos da praça, fluxos e acessos.



Fonte: Croqui feito pelos autores, 2018.

Quanto ao estado de conservação da praça, atualmente há apenas seis espécies das especificadas inicialmente, além das 17 espécies acrescidas que não foram especificadas no projeto de Burle Marx (LOPES et al, 2013). Quanto ao traçado, o projeto quase não foi modificado, sendo acrescidas apenas alguns caminhos que surgiram pelo uso da população que por ali ainda passa, os quais foram regularizados por meio de pavimentação em concreto.

O coreto é a primeira imagem que se tem da praça pelas duas entradas e está em um bom estado de conservação (Figura 10).

Já o espelho d'água, que antes foi cenário para belas fotografias dos usuários e principalmente dos moradores do entorno, se encontra com manutenção precária, acumulando água da chuva, podendo se tornar foco de mosquitos (Figura 11). Percebe-se que a praça passou por uma recente manutenção em relação à pintura.

Figura 10: Imagem do Coreto



Fonte: Foto dos autores, 2018.

Figura 11: Espelho d'água



Fonte: Foto dos autores, 2018.

Na praça, foi inserido, posteriormente, um pedestal com o busto do poeta Da Costa e Silva, mas que não fazia parte do projeto original, pois Burle Marx não costumava usar este tipo de elemento em seus projetos. Atualmente, o busto foi retirado por vândalos, ficando apenas o pedestal, totalmente deteriorado (Figura 12).

Figura12: Pedestal que continha o busto do poeta Da Costa e Silva.



Fonte: Foto dos autores, 2018.

Abaixo da marquise, no setor da cascata, não há mais as placas de aço que continham os poemas, uma vez que foram roubadas, restando, apenas, a placa de concreto contendo sua biografia, além de haver muitas pichações (Figura 13).

Figura 13: Vista da Cascata.



Fonte: Foto dos autores, 2018.

O atual estado de conservação da praça, tanto no sentido material, quanto no sentido social, pode ser atribuído, em grande parte, à falta de conhecimento por parte da população acerca da grandiosidade e do significado das obras de Burle Marx.

Além disso, se atribui também à ausência de um órgão que regule esse tipo de espaço público, de maneira específica na cidade de Teresina, com uma atenção direcionada aos problemas enfrentados por esses locais públicos que deveriam ser de uso pleno da população. A responsabilidade que antes era da Secretaria do Meio Ambiente, posteriormente passou a ser atribuída à Superintendência de Desenvolvimento Urbano Centro/Norte (SDU-Centro/Norte), que deveriam atuar em conjunto na manutenção da praça. No entanto, a partir da entrevista feita com os agentes públicos, tornou-se nítido que tal parceria não funciona, e que cabe à SDU-Centro/Norte gerenciar tal manutenção, perceptivelmente deficiente, algo que pode ser notado pelo estado dos espelhos d'água e pela falta de uma boa iluminação.

Ademais, ao analisar a praça de dentro para fora, percebe-se que, no entorno próximo, há duas paradas de ônibus, sendo a primeira localizada na rua lateral, onde se encontra o Comercial Barroso, utilizada para embarque e desembarque de linhas intermunicipais. Enquanto, a segunda parada está localizada na face voltada para a Avenida Maranhão, destinada às linhas do transporte coletivo local. No passeio que circunda a praça, também, existem locais de acúmulo de lixo e uma banca de revista. A região que sofre com o problema do lixo é, principalmente, nas proximidades do portão superior, que está voltado para as residências, o que indica que os próprios moradores do entorno contribuem para esse quadro (Figura 14).

Figura 14: Lixo próximo ao portão.



Fonte: Fotos dos autores, 2018.

Já a banca de revista está na face da praça voltada para a Eletrobrás, onde existe um fluxo considerável de pessoas e veículos estacionados, no horário de expediente (Figura 15), proporcionando a visibilidade e o acesso de compradores ao local.

Figura 15: Banca de revista.



Fonte: Foto dos autores, 2018.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo aborda a Praça Monumento da Costa e Silva e sua importância como espaço livre. Dentro do patrimônio cultural da cidade, a praça apresenta grande importância e singularidade, em função de três aspectos: sua estreita relação com o rio Parnaíba, o papel que exerce ao homenagear o notável poeta Da Costa e Silva, e o fato de ser uma rara obra prima do renomado paisagista Burle Marx.

Foi possível perceber que, assim que foi construída, a praça era bem movimentada e usada diariamente pelos teresinenses, sendo eles idosos, adultos ou crianças, para diversas atividades, promovidas pelo poder público. Com o passar dos anos, deixou de ser um ambiente de lazer e integração social, principalmente, devido à insegurança sentida no local, além do entorno comercial, que provoca o distanciamento das pessoas. Também, pela desvalorização do rio Parnaíba, que tem influência direta sobre a praça, da falta de conhecimento e, conseqüentemente, da desvalorização das obras de Burle Marx pela população e, ainda, da questionável atuação dos órgãos públicos da cidade, que regulam esse tipo de espaço público.

Foi observado que, o rio Parnaíba tem sua importância marcada na história da cidade, principalmente das populações ribeirinhas, que tiveram nele um marco de suas vivências e memórias. A Praça Monumento da Costa e Silva teve como objetivo integrar-se à paisagem do “Velho Monge”, buscando homenagear o poeta Antônio da Costa e Silva, que tanto reverenciou esse rio em suas obras e, sempre, o teve presente em sua paisagem cotidiana.

Burle Marx sempre se caracterizou pela preocupação em tirar partido da flora local e de estabelecer uma relação sistêmica entre o projeto e o entorno, estabelecendo uma associação harmônica entre ambos. É justamente nessa relação de equilíbrio, que está pautado o projeto, que de início tinha o rio Parnaíba sua principal paisagem.

Mas, antes de qualquer conceito que venha a seguir ou de qualquer partido que buscou empregar, uma praça deve ser vista como um espaço livre e, assim, seu papel é proporcionar experiências, relações humanas e vitalidade ao meio urbano. Assim, tem sua participação na identidade cultural da cidade, uma vez que, desperta na população sentimentos indenitários, que os fazem reconhecer-se naquele espaço, o que legitima a necessidade de preservação, de revitalizar e incentivar seu uso.

Por meio das visitas feitas e do contato com o espaço, foi percebido que, ainda, existem certos usuários que veem naquele espaço uma finalidade e um uso, mesmo que, muito específico e que essa apropriação ocorra em um espaço de tempo reduzido. Isso

mostra que, apesar de ter sua vitalidade reduzida, principalmente, pela sensação de insegurança, não se trata de um espaço perdido, uma vez que, pode ser revitalizado e novamente apropriado pela população, principalmente, por aquela que vive nas redondezas da praça.

Portanto, há uma necessidade urgente de um órgão mais responsável por esse patrimônio, assim como, de projetos que valorizem o rio Parnaíba, além de uma convivência equilibrada entre o processo de urbanização e o patrimônio. Somente desta forma, a Praça Monumento da Costa e Silva conseguirá cumprir seu papel social, como espaço livre, que é o de integrar pessoas, possibilitando sua convivência, além de resgatar seu valor arquitetônico, paisagístico e, além de tudo, cultural.

REFERÊNCIAS

BARTALINI, Vladimir. Sintonias e defasagens: os parques públicos nos planos para São Paulo. Paisagem e ambiente: ensaios. São Paulo, n. 7, 69-89, 1995.

CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. Como Nasceu Teresina. 2. Ed. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina/Fundação Cultural, 1987.

DOURADO, Guilherme Mazza. Modernidade verde: jardins de Burle Marx. São Paulo: Editora Senac, 2009.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. Morte e vida das grandes cidades. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Jornal o dia. Semana da pátria conta com intensa programação. Teresina, 27 ago 1977, p. 03.

LOPES, Wilza Gomes Reis; MATOS, Karenina Cardoso; LEAL JÚNIOR, Jos Hamilton Lopes; BARROS, Roseli Farias Melo. Burle Marx em Teresina, Piauí: a Praça Monumento Da Costa e Silva Burle Marx em Teresina: a Praça Monumento da Costa e Silva. In: SÁ CARNEIRO, A. R.; SILVA, A. F.; SILVA, J. M. (Org.). Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 187-212.

LOPES, Wilza Gomes Reis; MATOS, Karenina Cardoso; MATTARAIA, Regina Ângela; LEAL JÚNIOR, José Hamilton Lopes; VIEIRA, Geovana Alves Rocha; COSTA, Nayane Áurea Santiago. A presença de Roberto Burle Marx na cidade de Teresina, Piauí. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v.21, n. 29, p. 62-81, 2º sem., 2014.

MATOS, Karenina Cardoso; LOPES, Wilza Gomes Reis; MATOS, Indira Cardoso; FREITAS, Samir Antonio Melo; BARROS, César Marco Correia. O rio como atrativo cultural na paisagem urbana de Teresina. In: PAISAGEM NA HISTÓRIA: JARDINS E BURLE MARX NO NORTE E NORDESTE, 5, 2007, Recife. Anais... Recife: UFPE, 2007.

ROCHA Altemar Amaral. Produção do espaço, novas centralidades, ordenamento do solo e alterações na morfologia urbana de Vitória da Conquista-BA. Brazilian Journal of Development. Curitiba, v. 6, n. 8, p. 60089-60100 aug. 2020. DOI:10.34117/bjdv6n8-429.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita. Atuação de Burle Marx na construção da paisagem através de projetos paisagísticos no Nordeste do Brasil. *Leituras paisagísticas: teoria e práxis*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 38-61, 2009.

TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLAN. Aspectos e Características – Perfil 2016. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina, 2016. Disponível em: <http://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2016/08/CENTRO-20161.pdf>. Acesso em: 21/02/2018.